



PAUSA PARA O CAFEZINHO

O tempo dirá

Ninguém mais cauteloso do que Wanderley Guilherme dos Santos quanto ao governo Fernando Henrique. Em resposta a Rogério Werneck, que acentuou o enorme apoio político ao novo presidente, rebateu:

"Juscelino Kubitschek, que ganhou as eleições com 30% do eleitorado, sendo 12% em São Paulo, foi desafiado por bolsões das Forças Armadas e enfrentou até tentativas de revolta. Começou nas piores condições e saiu vencedor. Viabilizou seu programa de metas e saiu aplaudido. Esperemos que não seja vice-versa com o Fernando Henrique".

Pra boi dormir

Rogério Werneck é taxativo: não existe bobagem pior do que achar que é possível financiar déficit com receitas de privatização. "Você fica igual ao tio velho, só financiando".

Simonsen faz coro: "É como vender a casa para financiar as contas de restaurante".

Troca de papéis

Para Mario Henrique Simonsen, o Brasil precisa mudar de crença em matéria de movimento de capitais estrangeiros.

"Durante 40 anos fomos educados para considerar herói quem trazia dólares para o Brasil e bandido quem levava. Hoje passou a ser o contrário. Então tem-se que mudar toda aquela idéia de que abrir conta em banco no exterior é crime do colarinho branco."

Mistério

O comportamento dos partidos — incluindo aí o PSDB do presidente eleito — é uma incógnita para Wanderley. "Julgar que três governadores, mesmo dos estados mais importantes, vão conseguir organizar sozinhos bancadas e garantir apoio ao governo é coisa de ingênuo. Entre os partidos maiores, apenas o PT e o PPR têm alguma disciplina".

Quarentena

Mais do que as indefinições sobre o próximo governo, os últimos dias de Itamar Franco no comando do país preocupam Dionísio Carneiro.

"No episódio dos petroleiros a gente percebe que esses 40 dias que nos separam do próximo governo são perigosos. Quanta estupidez ainda pode ser feita durante esse período! Quanta besteira por vir!"

Revogada

Também para José Márcio Camargo, a vitória do PSDB em Minas, Rio e São Paulo pode não facilitar tanto a vida do presidente eleito na hora de negociar as duras medidas de ajuste.

"O difícil é colocar os tuca-nos na gaiola. É muito razoável que eles queiram voar".

Sol nascente

Brasil e Japão têm mais em comum do que se imagina, pelo menos neste momento de transição, avalia Dionísio Carneiro.

"O imperador japonês não decide absolutamente nada, mas é consultado em momentos de crise. Normalmente diz alguma frase do tipo 'os crisântemos vão florir na primavera', que tem que ser interpretada. Aí vem o intérprete e comunica que o imperador decidiu dissolver o parlamento. Nós estamos em uma fase curiosa, acompanhando as palavras que brotam do nosso imperador tupiniquim e interpretando qualquer movimento dele".

Ao que José Márcio Camargo acrescenta:

"O nosso imperador não tem poder mesmo, hoje. E os inter-pretes brotam por todos os lados."